

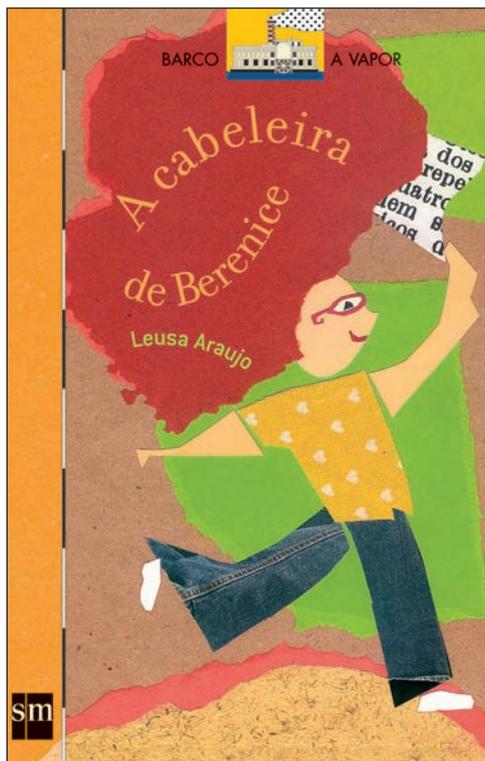
A cabeleira de Berenice

Leusa Araujo



Temas Amizade; Superação das diferenças; Cultura popular nordestina; Vida no interior de Pernambuco; Garimpo

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Laranja nº 12
288 páginas



O LIVRO Como é vista a chegada de uma aluna nova, Berenice, dona de uma inusitada cabeleira vermelha, à escola de uma cidadezinha no interior de Pernambuco? Como João Batista, seu colega de classe, vai lidar com a “primeira paixão” que o acomete por Berenice, sem que os outros percebam? A narrativa delicada e envolvente conduz o leitor a refletir sobre a dificuldade das pessoas em aceitar o diferente e o novo sem julgamentos prévios. A história se passa numa cidade fictícia, e a autora retrata, aliando a realidade à ficção, o modo de vida da região e os costumes de seus moradores. A questão do garimpo e de como ele representa a falsa promessa (e sonho) do enriquecimento fácil também é abordada.

A AUTORA Leusa Araujo nasceu em São Paulo em 1960, de pai nordestino e mãe paulista. Jornalista há 24 anos, é redatora, pesquisadora e editora. Estreou na literatura infanto-juvenil em 1994.

A ILUSTRADORA Sônia Magalhães vive em São Paulo, é professora de artes e ilustradora. Faz ilustrações para livros e revistas, sempre utilizando a técnica de colagem.



Mergulhando na temática

NARRADOR ONISCIENTE

O discurso do narrador onisciente é produzido de uma maneira que revela as presunções, ponderações e desejos que constituem o mundo subjetivo da personagem.

Tais marcas do discurso sugerem, ainda, que há algum envolvimento entre o ponto de vista do narrador e o universo íntimo de seus personagens, sem que, entretanto, ele participe diretamente da narrativa.

Para saber mais sobre o discurso do narrador onisciente:

MORAES LEITE, Lígia C. *O foco narrativo*. São Paulo, Ática, 2000.

MARACATU

“Grupo carnavalesco pernambucano, com pequena orquestra de percussão, tambores, chocalhos, gonguê, (...) percorre as ruas, cantando, dançando sem coreografia especial. Respondem em coro ao tirador de loas, solista. (...) É vestígio dos séqüitos negros que acompanham os reis de congos, eleitos pelos escravos, para a coroação nas igrejas e posterior batuque (...), homenageando a padroeira ou Nossa Senhora do Rosário. Perdida a tradição sagrada, o grupo convergiu para o carnaval, conservando elementos distintos de qualquer outro cordão na espécie. (...) À frente vão rei e rainha, príncipes, damas, embaixadores e dançarinas (vestidas de baianas) e indígenas com enduapes e cocares emplumados. Não há enredo. Trata-se de um desfile no ritmo dos tambores reboantes. (...) Uma característica nos velhos maracatus do Recife (há também no Ceará e pelo interior de ▶

INTERPRETANDO O TEXTO

APRENDER COM O DIFERENTE

A grande questão em *A cabeleira de Berenice* é a aceitação do diferente. Aluna nova em uma escola de Calunga – cidade pacata do interior de Pernambuco –, Berenice chama a atenção dos colegas devido à sua exuberante cabeleira vermelha. A garota tem tudo para ser eternamente perseguida e taxada de esquisita por seus colegas da 5ª série: é pequena, branquela, tem cabelos vermelhos enormes, usa óculos grossos e carrega várias pedras brilhantes na mochila. E é o que realmente acontece: uma rejeição do grupo, acompanhada de uma espécie de “primeira paixão” vivida por ela e João Batista, que está na mesma classe e fica dividido entre seu carinho pela menina e a pressão dos colegas.

Rejeitada pelos companheiros da escola por sua aparência e modos esquisitos, pois ela tem uma iniciativa diferente em relação ao grupo, é até acusada de ter colocado sob a carteira de uma colega um morcego empalhado para assustá-la. Em meio a essas confusões, Berenice e sua mãe partem para Rondônia em busca de seu pai, que foi tentar a sorte no garimpo. Lá, acabam descobrindo que ele morreu de malária.

A tensão na narrativa cresce à medida que João Batista passa a descobrir e a gostar de Berenice. Dividido entre assumir perante todos sua amizade com a garota e sucumbir à pressão que sofre por parte do grupo que a hostiliza com chacotas e muita depreciação, ele acaba por dissimular sua amizade pela menina. O leitor acompanha seus pensamentos por meio da **narração onisciente** e percebe que ele, no fundo, sabe de seu equívoco. Suas inseguranças e medos são características normais dessa fase, quando pré-adolescentes e adolescentes fazem ou deixam de fazer algo que gostariam devido à pressão dos amigos e ao receio de não serem mais aceitos pelo grupo.

Paralelamente a isso, o leitor entra em contato com alguns aspectos da cultura local por meio das descrições da vida cotidiana da população da pequena Calunga. No decorrer da história, a autora descreve o modo de se vestir e falar da região, as diversões e brincadeiras, o jogo de futebol que domina a atenção da garotada. Descreve as crenças, os hábitos religiosos, as festas. Apresenta as profissões ou ocupações típicas, por meio da figura do caminhoneiro, do político, do cantor regional, da costureira procurada nas festas.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



Pernambuco, na zona da mata) é o grande chapéu-de-sol vermelho, rodando sempre.”

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1989.

Para escutar maracatu:

Antônio Nóbrega, *Madeira que cupim não rói*, Eldorado, 1997.

Mestre Ambrósio, *Mestre Ambrósio*, Sony, 1999.

CALUNGA

Boneca de pano que os participantes do maracatu levam para a dança segurada por um bastão.

“As calungas fazem parte do ritual do maracatu e encarnam em seus cantos a força dos antepassados do grupo: no começo do cortejo a calunga é retirada do altar pela dama-do-paço e passa às mãos da rainha, que a entrega à baiana mais próxima e assim se sucede, de mão em mão, até retornar novamente às mãos da soberana.”

Adaptado de DANTAS SILVA, Leonardo. *A calunga de Angola nos maracatus do Recife*. Texto na íntegra disponível em: www.fundaj.gov.br/docs/text/textfolc.html.

BOM FUTURO

A exploração da cassiterita em Bom Futuro, a 75 quilômetros da BR-364, em Rondônia, a partir de 1986, tira da terra, no auge de sua exploração, cerca de 100 toneladas diárias do mineral. Explorada de forma intensiva, a região torna-se um cenário de terra arrasada e a mata cede lugar a poças de lama, onde proliferam mosquitos transmissores da malária. As precárias

A trama é entrecortada por feiras populares – nas quais se dança o **maracatu** e se costuram bonecas gigantes, as **calungas** –, religiosidade, riqueza fácil prometida pelo garimpo e, obviamente, toda a carência de uma região quase sem recursos. Porém não é uma narrativa moralizante ou com fins didáticos: ela simplesmente mostra a vida cotidiana dos pré-adolescentes e de suas famílias num contexto possivelmente novo para leitores de qualquer cidade grande, com as dificuldades, mas também alegrias e emoções presentes no dia-a-dia de todos, tanto no interior de Pernambuco como na zona nobre de São Paulo.

O livro trata de questões fundamentais do universo infanto-juvenil, que estabelece padrões rígidos de comportamento, de beleza, de atitude, agrega-se em grupos e, invariavelmente, condena – mesmo, e principalmente – sem conhecer. Portanto, quem não se insere no padrão estabelecido pelo grupo está automaticamente privado de ser aceito e é motivo de zombarias constantes.

A VIDA NO GARIMPO

Além da reflexão a respeito do comportamento e dos conflitos emocionais na fase da adolescência e da abordagem dos aspectos culturais locais mais significativos, tão importantes para conhecer o Brasil, outro tema de caráter econômico-social é muito bem desenvolvido na história. Entrelaçado à trama, já que diz respeito ao pai de Berenice, o trabalho nas jazidas minerais do Estado de Rondônia é apresentado ao leitor. Em 1986, com a descoberta do sítio mineral **Bom Futuro**, localizado nesse Estado, a exploração da cassiterita levou centenas de pessoas à região, em busca de seu eldorado particular. Tomando o pai de Berenice como espelho, a autora

condições de sobrevivência no local, bem como a mecanização da extração, pioram ainda mais a vida dos garimpeiros: eles tornam-se “requeiros”, especializados na repassagem manual do cascalho, da lavagem de panos e de todo material que possa conter resquícios do mineral. Os requeiros trabalham em meio ao maquinário, arriscando-se entre os veículos e expostos ao perigo de desmoronamento de barrancos.

A extração mineral em Rondônia concentrou-se principalmente no ouro e na cassiterita, e os impactos negativos da exploração afetaram predominantemente a serra do Bom Futuro, que desapareceu da paisagem de Rondônia.



NOTÍCIA DE JORNAL

“Munidos de pá, picareta e um saco, os requeiros (catadores de resto do minério cassiterita) avançam durante a trajetória das retroescavadeiras em busca do minério do estanho. Correm para todos os lados conforme o movimento das máquinas. A cena lembra filme de terror. Crianças, algumas com menos de 14 anos, fogem desesperadas no momento em que o ‘braço’ das retroescavadeiras faz

mostra as falsas promessas de riqueza fácil e menciona as difíceis e precárias condições em que trabalhavam os garimpeiros.

O desmonte da ilusão de riqueza fácil fica claro para o leitor quando descobre que as cartas otimistas que Berenice tinha do pai, de conteúdo oposto à realidade que sua mãe relatava aos conhecidos, haviam sido escritas pela própria garota.

um vôo rasante sobre elas. Embora os requeiros sejam ágeis, são inevitáveis.”

Folha de S. Paulo, 1991.

Para saber mais sobre Bom Futuro:

Documentário *Presente saqueado*, direção de Marcos Santilli.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Para estimular os alunos à leitura, é interessante pedir a eles que pesquisem e tragam para a sala de aula fotos ou figuras de diversos tipos de cabeleira. Pode-se começar sugerindo que procurem por tipos de penteados que marcaram época (os *black powers* dos anos 1970, os cabelos com permanente dos 1980, entre outros). Para estimular a curiosidade e a imaginação dos alunos, a música “Cabelo”, de Jorge Ben e Arnaldo Antunes, que fala de diversos tipos de cabeleiras, pode funcionar. Depois, pode-se analisar o material selecionado pelos alunos e estimulá-los a fazer comentários por meio de questões como: alguma delas causa estranheza? Proporciona prejuízos? Essas questões podem iniciar e orientar a discussão até que se chegue ao mais importante: como lidamos com o diferente?

A discussão pode ser encaminhada para um dos temas do livro, sem, entretanto, antecipar elementos da narrativa: o jeito como alguém se veste ou penteia os cabelos pode levar a preconceitos e gerar discriminação? Ou ainda: pessoas que são diferentes da maioria devem ser condenadas por conta disso? Elas também podem ter algo de positivo e interessante que independe da maneira como se vestem, de traços físicos ou da maneira como são?

A partir dessas questões, pode-se fazer a leitura dos dois capítulos iniciais, que tratam da chegada de Berenice à sala de aula e do estranhamento que ela provoca. Convém, então, discutir, com base nos itens anteriores, por que tal estranhamento faz parte de um preconceito e como essa atitude pode interferir negativamente na vida do outro e nos privar de conhecer melhor alguém.

Este é um excelente momento para estimular a reflexão sobre essa atitude tão comum – especialmente nessa faixa etária.

Podem-se também apresentar as principais características geográficas, culturais e sociais da região Nordeste. Como os alunos imaginam que é a vida numa cidade do interior de Pernambuco? Quais as maiores diferenças entre a vida numa cidade grande e a vida numa pacata cidade do interior? Certamente, a maior parte dos alunos tem uma experiência de vida quase exclusivamente urbana, bem diferente dos personagens do livro. Seria interessante elaborar uma discussão sobre isso: quais são as diferenças cotidianas entre os personagens e os alunos? Como, mesmo vivendo em lugares tão diversos, os adolescentes têm experiências semelhantes como o primeiro relacionamento amoroso, a pressão do grupo, o amadurecimento?

DURANTE A LEITURA

Para envolver os alunos na narrativa, pode-se pedir a eles que tragam informações sobre o garimpo Bom Futuro e montem um painel com fotos e reportagens sobre as condições de vida no local. Atualmente, a reserva está decadente e com baixa produtividade. No início da década de 1990, havia em Bom Futuro cerca de 25 mil habitantes. Em 1997, esse número caiu para 3 mil. Houve, também, durante esse período, ações para erradicação do trabalho infantil na região e melhorias de condições de vida da população local.

Como trabalho interdisciplinar, com o apoio dos professores da área de geografia, vale sugerir aos alunos uma pesquisa sobre a extração da cassiterita, principal mineral de estanho. Rondônia é responsável por 40% da cassiterita produzida no Brasil, boa parte retirada de Bom Futuro.

Pesquisas sobre outras jazidas brasileiras de cassiterita ou outros minérios podem ser feitas, com os alunos estabelecendo comparações e conhecendo um pouco mais dessa dura realidade, muitas vezes esquecida: o que leva as pessoas a tentar a sorte no garimpo? Pobreza? Falta de perspectivas?

Partindo desse tema, é possível discutir vários pontos interessantes: por que trabalhadores de garimpo são submetidos a condições insalubres de trabalho, já que contribuem para a riqueza do próprio empreendimento e até do país, que exporta o minério? Não seria possível assegurar dignidade e infra-estrutura profissional a eles? Além disso, quais as conseqüências da devastação causada pela exploração caótica de jazidas minerais para o meio ambiente? Em um trabalho interdisciplinar com a área de ciências, os alunos podem pesquisar outras situações semelhantes em que a degradação do meio ambiente acarreta inúmeras seqüelas.

Além dessa abordagem, o olhar dos alunos pode ser direcionado para outro aspecto da história: o amadurecimento de João Batista.



Quando ele descobre que gosta mesmo de Berenice e resolve assumir seus sentimentos perante o grupo? Isso acontece também na vida real? Os alunos podem refletir sobre suas experiências, pensando no próprio amadurecimento e no percurso de cada trajetória.

APÓS A LEITURA

Por meio de Berenice, alguns personagens passam a ter um contato mais direto com a literatura: começam a escrever cartas e poemas (ou pedir que escrevam, como é o caso de Dulcinda), conhecer poetas e se interessar pela leitura e pela criação de poemas. Tais atitudes podem ser estimulantes para os alunos. Que tal escrever um poema, uma letra de música, que remeta a algum tema do livro?

Para basear a atividade, o professor pode pedir uma pesquisa sobre os autores citados na narrativa (Cacaso, Paulo Leminsky e Cassiano Ricardo) e sua obra.

A escola, espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro

Nossa linha de trabalho assenta no princípio de que a escola é, hoje, o *espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

Essa nova valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que o entendemos como sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de deterioração. Longe disso. Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e *ter acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade a que ele pertence.

No que diz respeito às atividades com a literatura e a expressão verbal, o espaço-escola deve se diversificar em dois ambientes básicos: o de *estudos programados* (sala de aula, bibliotecas para pesquisa etc.) e o de *atividades livres* (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação etc.).

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, p.16-7.



ELABORAÇÃO DO GUIA LAIZ BARBOSA DE CARVALHO
(PROFESSORA DA ESCOLA SUÍÇO-BRASILEIRA);
PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA;
REVISÃO MÁRCIA MENIN, CARLA MELLO MOREIRA E
GISLAINE MARIA DA SILVA.